



UM ESTUDO SOBRE AS MULHERES DA *BRITANNIA*

A STUDY ABOUT BRITANNIA WOMEN

Tais Pagoto Bélo¹

Universidade Estadual de Campinas

Resumo: Este artigo tem como intuito apresentar uma reflexão a respeito das mulheres, as quais foram ocultadas dos estudos do passado. E esse artigo sugere um trabalho sobre as mulheres da *Britannia*, propondo, dessa forma, uma ponderação acerca das mulheres da sociedade antiga. Deve-se ter em mente que esse não era um grupo homogêneo. Desse modo, tanto para a população que ali já havia se alojado quanto para a que veio depois, existia uma grande variedade de ideias a respeito do *status* das mulheres e da forma como elas deveriam conduzir suas vidas. Materiais epigráficos sobre romanas e bretãs já foram encontrados em altares, lápides e sepultamentos. Contudo, este trabalho propõe-se a comparar essas primeiras fontes com documentos de antigos autores, como Tácito, em sua obra *Anais*, uma vez que esses autores parecem

Abstract: This paper intends to present a reflection about women, which were hidden from the studies of the past. And this article suggests a work about women from *Britannia*, thus, proposing a consideration of the women of the old society. It should have been in mind that this was not a homogeneous group. Therefore, for both the population that had already been accommodated and those who came later, there was a wide variety of ideas about the status of women and the way they should lead their lives. Epigraphic materials about Roman and Briton women have already been found on altars, tombstones and burials. However, this work compares these first sources with documents of ancient authors, such as Tacitus, and his work *Annals*, since these authors always seems to treat women with pejorative characteristics, very different from the affectionate and

¹ Pós-doutoranda do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisa realizada sob o fomento da agência de pesquisa CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: taispbelo@gmail.com.

sempre expor as mulheres por meio de características pejorativas, muito diferentes das palavras carinhosas e amorosas dadas a elas nesses locais de óbito.

amorous words given to them in these places of death.

Palavras-chave: *Britannia*,
Mulheres, Epitáfios.

Keywords: *Britannia*, Women,
Epitaphs.

Introdução

Este trabalho foi realizado com o intuito de estudar as mulheres da *Britannia*, as quais, por muito tempo, foram ocultadas nas pesquisas. Quando evidenciadas, suas figuras foram prejudicadas e, na maioria das vezes, colocadas de forma submissa aos homens.

Em todas as "histórias", de diferentes locais e tempos, elas sofreram com o preconceito de diversas maneiras. Nesse sentido, a finalidade deste artigo é tratar das mulheres da Antiguidade, em especial aquelas da *Britannia*, que viveram nesse local durante a invasão do Império Romano. A proposta não foi desconectada da contemporaneidade, tendo em vista que é pelo olhar atual, através de valores, crenças e comportamentos vivenciados, que se constrói a interpretação desse conhecimento.

Funari (1995) e Morgan (1993) sugerem que

apenas uma análise crítica permite compreender o 'masculino' e o 'feminino' como construções sociais que variam em termos de classe social, gênero e etnicidade, em diferentes períodos históricos e em diferentes sociedades (MORGAN, 1993, p. 194; FUNARI, 1995, p. 180).

Dessa forma, a abordagem da pesquisa apoiou-se em uma investida holística na análise das relações de gênero (FUNARI, 1995), que se baseou em fontes textuais e materiais. Os estudos clássicos têm por natureza uma perspectiva interdisciplinar, sendo, por essa razão, abertos a um estudo multicultural e pluralista de temas, incluindo o das mulheres (RABINOWITZ, 1993, p. 16; FUNARI, 1995, p. 181).

Contudo, a proposta é a reflexão sobre a mulher na sociedade antiga, partindo de uma análise que relaciona sociedade, indivíduos e relação entre homem e mulher. O trabalho se embasou na investigação das romanas e bretãs, que compuseram

diferentes costumes, os quais se entremearam, que ali viveram e que foram, de alguma forma, evidenciadas por vestígios escritos e/ou materiais.

Em meio à procura das mulheres dessa região e período, sob o parâmetro histórico e arqueológico, foi possível compreender como elas se movimentavam ou eram transportadas de um local para outro, bem como o motivo de se alojarem em tais regiões. A comparação das diferentes fontes pôde indicar dados com informações diversas, além de evidenciar como era a recepção das mulheres nessa sociedade tão miscigenada.

Com isso, objetiva-se demonstrar a existência de fontes escritas, como os *Anais*, de Tácito, e compará-las e contrastá-las com fontes materiais, uma vez que os autores antigos parecem sempre citar as mulheres a partir de características pejorativas, abordagem muito diferente das palavras carinhosas e amorosas dadas a elas em sepultamentos, altares e lápides.

As mulheres da Antiguidade

Com base na leitura de alguns textos antigos, nota-se a depreciação da mulher por alguns de seus autores. Um exemplo disso pode ser observado nas características dadas por Tácito e Dião Cássio a personagens como Boudica, rainha bretã da tribo dos iceni, a qual liderou um exército contra o Império Romano, no século I d.C. Depois de recusar entregar suas terras aos romanos, Boudica foi açoitada e suas filhas violentadas – evento que ocorreu depois da morte de seu marido, Prasutago (BÉLO, 2014, p. 43). Como consequência desse ato, ela, sua tribo e a tribo vizinha, os trinovantes, uniram-se para destruir os assentamentos romanos, tais como Camulodunum, Londinium e Verulamium. Ela esteve no comando e foi caracterizada por esses autores como alguém que bateu de frente com a concepção de mulher e de liderança que eles tinham (BÉLO, 2014, p. 9).

Sendo assim, nas obras *Anais* e *A vida de Agrícola*, de Tácito, e *História de Roma*, de Dião Cássio, Boudica foi descrita de forma bastante polêmica e caracterizada como uma mulher masculinizada, com a voz e as armas de um homem, agressiva e hostil, além de incapaz de liderar um exército, porém, muito inteligente, se comparada com outras mulheres (BÉLO, 2014, p. 9).

A figura da guerreira, na posição de governante dos nativos, ia contra as

normas de gênero aceitas pelos romanos (BRAUND, 1996, BÉLO, 2014, p. 45), pois suas mulheres tinham, em geral, um poder limitado dentro de uma sociedade governada por homens, embora pudessem possuir riquezas e ser influentes (HINGLEY; UNWIN, 2005; BÉLO, 2014, p. 45).

Essas mulheres, diferentes das bretãs, não iam para o campo de batalha, como o fez Boudica, mas, durante o período mais tardio da República e início do Império, algumas delas começaram a ganhar mais independência, assim como Lúcia, mulher de Augusto, que foi um grande exemplo. Ela difundiu uma tendência de que as mulheres de família imperial poderiam desfrutar de considerável influência por meio de um representante. Contudo, durante o período em que Tácito e Dión Cássio escreveram suas obras, algumas dessas poderosas mulheres da realeza já estavam notoriamente mais bem consentidas no meio político, tais como as mulheres de Cláudio, Messalina, que foi executada, Agripina, mãe de Nero, admirada e temida, e a mulher de Augusto, Lúcia (ALDHOUSE-GREEN, 2006; BÉLO, 2014, p. 9).

Na obra *Anais*, Tácito descreve a imagem do governo de Nero, que se deixou levar pela influência feminina nos assuntos políticos. Com base no senso comum de sua sociedade, esse autor sugere que as más decisões de Nero somente foram possíveis em decorrência de conselhos dados por mulheres como Agripina, sua mãe; Otávia, primeira esposa, de 53 a 62; e Popeia, segunda esposa, de 62 a 65. Tácito entende que seria impossível que um bom governo pudesse ser caracterizado pela presença feminina. A primeira fase do governo de Nero, por exemplo, que vai de 54 a 59, é descrita como uma administração de um bom homem, sem influências femininas. Todavia, do ano de 60 a 62, passa a ser conhecida como passiva de manipulação feminina, razão pela qual, segundo a narrativa, decaiu. Já a terceira fase, do ano de 63 a 66, é o período de maior vício, em que o controle feminino sobre ele é mais destacado (VARELLA, 2006; BÉLO, 2014, p. 10).

De acordo com Johnson (2012), Tácito faz a seguinte comparação entre as mulheres que cita em sua obra: Cartimandua, outra rainha bretã, da tribo dos brigantes, aliada de Roma, foi considerada um símbolo de servidão romana e moralmente corrupta, como Messalina. O autor menciona que ela tinha até uma poluição visual, destruidora do seu e de outros casamentos. No caso de Agripina, ela era muito marcante, extremamente política, de degeneração ética, vista como outra

mulher imperial que simbolizou a decomposição de Roma. Tácito comenta, inclusive, suas formas corporais, as quais eram sinônimos de vergonha. Menciona, também, que, da mesma forma que Cartimandua e Messalina, Agripina destruiu a unidade familiar e perturbou a liderança cívica, desestabilizando-a. O autor contrastou essa bretã com Boudica, a qual esteve ao lado de seu marido durante sua morte, consolidando remanescentes familiares e de sua tribo, e, ainda, lutou pela liberdade de seu povo (JOHNSON, 2012; BÉLO, 2014, p. 10).

Cartimandua foi descrita nos *Anais* de Tácito como infiel ao marido. Segundo relata, ela teria entregado Carataco, líder de uma rebelião contra os romanos na ilha, no ano de 51. Tácito a retrata como traiçoeira, imoral e adúltera, enquanto Boudica, ao contrário, foi descrita como uma mulher devota e moral, porém equivocada (HINGLEY; UNWIN, 2005; BÉLO, 2014, p. 44). Diferentemente de Boudica, Cartimandua não foi retratada como uma mulher com falta de feminilidade, mas como uma mulher que usou dessa feminilidade contra os homens (BÉLO, 2014).

Posteriormente, essa percepção acerca dessas mulheres se alastrou, sendo, até os dias de hoje, Boudica a que mais atraiu interesse, havendo, então, um maior número de trabalhos escritos sobre ela, se comparada a Cartimandua. Durante o século XIX e início do XX, quando esses trabalhos foram mais evidenciados, a vida privada de Cartimandua não foi considerada um modelo a ser seguido (ALLASON-JONES, 2012, p. 469), diferente da de Boudica, já que esta ficou do lado do seu marido, lutando pelos direitos de suas filhas e pela liberdade do seu povo.

Allason-Jones (2012) discorre sobre a correlação das leis romanas no que diz respeito às mulheres e às províncias do Império. Além disso, menciona que para cada província havia um código de lei desenvolvido para amalgamar as existentes leis nativas com as de Roma, porém essas leis também se modificavam ao longo do tempo. Entretanto, algumas delas eram continuamente readaptadas ou reintroduzidas, como, por exemplo, as que estabeleciam que as mulheres deveriam ficar sob a guarda da *patria potestas*. Para ilustrar, Allason-Jones (2012) utiliza-se de Cícero, que declarou que seus ancestrais estabeleceram uma lei segundo a qual toda mulher, por causa de sua fraqueza de inteligência, deveria estar sob o poder de protetores. Dessa forma, a autora comenta a discrepância entre as bretãs, que já eram líderes de seus grupos, e as romanas, sendo essa uma lei que contrapunha todos os

preceitos culturais de vida da mulher nativa (ALLASON-JONES, 2012, p. 469).

A família era a base da organização social romana, composta por pai, mãe, filhos, além de escravos, animais e a própria propriedade, onde o pai exercia o domínio sobre todos e decidia seus destinos (SAMPAIO; VENTURINI, 2009, p. 2). Era a família paterna que definia severamente a identidade dos filhos e os vínculos de herança, assim como nome, culto e residência. Já a família da mãe, sem vinculações institucionais, estabelecia relações mais ternas com seus afilhados, netos e sobrinhos (FUNARI, 1993, p. 44). Os pais tinham o poder de decisão sobre a propriedade e o destino das mulheres e das crianças, que eram consideradas objetos de sua propriedade, assim como os animais e as plantações (OMENA, 2007; SAMPAIO; VENTURINI, 2009, p. 2).

Mulheres na *Britannia*

Ao se estudar as mulheres da *Britannia*, deve-se ter em mente que esse não era um grupo homogêneo. Nesse local, antes da chegada dos romanos, habitavam tribos independentes (ALLASON-JONES, 2012, p. 467), com atividades, religiões, costumes e tradições distintas das dos invasores. Na verdade, tanto para a população que ali havia se alojado quanto para os que vieram depois, existia uma grande variedade de ideias a respeito do *status* das mulheres e do modo como elas deveriam conduzir suas vidas (ALLASON-JONES, 2012, p. 467). Dessa forma, não é tão simples trilhar uma característica ou mesmo uma identidade da mulher dessa região e período através, apenas, de fontes escritas e materiais, que são muitas vezes contraditórias.

A diferença feminina foi elucidada em *A vida de Agrícola*, em que Tácito menciona que “os bretões não fazem distinção do sexo de seus líderes” (Tácito, *Agrícola*, 16), como também em *Anais*, quando o autor relata que tanto Boudica quanto Cartimandua eram líderes de tribos bretãs. Entretanto, não se sabe ao certo o quão comum era que as mulheres bretãs comandassem um exército durante a Idade do Ferro. Pelas fontes antigas, percebe-se que os romanos consideravam essa atitude ultrajante, embora excitante (HINGLEY; UNWIN, 2005; BÉLO, 2014, p. 44).

Além das fontes escritas, a figura da mulher na *Britannia*, entre romanas e bretãs, foi evidenciada de forma epigráfica em alguns sepultamentos. Todavia, são

poucas as inscrições que demonstram a existência delas sozinhas, na medida em que a maioria é de origem militar, mais facilmente encontrada em zonas militares. Segundo Allason-Jones (2012), apenas 10% desses vestígios abordam as mulheres, havendo variações de informações, desde um simples nome até biografias insignificantes (ALLASON-JONES, 2012, p. 470).

Essas fontes faziam parte, geralmente, de sepultamentos de famílias inteiras ou de texto redigido do marido para a sua esposa. Dessa forma, pode-se deduzir que a família era um elemento importante para essa comunidade da Bretanha Romana. Entretanto, essa região era um lugar tão cheio de migrantes de outras províncias (ou mesmo de nativos) que não é possível se ter uma ideia exata da típica família romano-britânica (ALLASON-JONES, 2004, p. 273).

Nesse contexto, presume-se que, nessas províncias, o modo de vida estava baseado nas normas do Império Romano e que a ideia de família romana foi seguida por todas as províncias. Entretanto, a maioria da população nativa da *Britannia*, antes da chegada dos romanos, parece ter vivido em extensos grupos familiares e talvez muitas famílias rurais devam ter continuado assim pelo menos até o segundo século d.C. A típica família bretã da Idade do Ferro e do início do período romano vivia dentro de uma edificação com duas ou três famílias inter-relacionadas (ALLASON-JONES, 2004, p. 273-274).

Para acrescentar, houve também vários casamentos entre romanos e nativos, cujo exemplo pode ser evidenciado no sepultamento de Regina, encontrado em South Shields, datado do segundo século d.C., que, além das inscrições, apresenta sua imagem com roupas, joias e mobília, caracterizando um verdadeiro altar. A inscrição indica que ela era uma nativa da tribo dos *catuvellauni*, que morreu aos trinta anos (*RIB* 1065) e que era uma mulher livre, esposa de Barates, de Palmyra (ALLASON-JONES, 2012, p. 470).



Figura 1 – Altar de Regina, encontrado em South Shields, datado do século II d.C.²

O altar de Regina está dividido em quatro fragmentos e emoldurado em duas pilastras nas quais a falecida fica sentada em uma cadeira de vime voltada para frente. Ela veste um manto com mangas longas sobre uma túnica, o qual chega até os pés. Em volta de seu pescoço há um colar e pulseiras em seus punhos. Em seu colo, ela possui uma roca e um fuso. Além disso, enquanto do seu lado esquerdo encontra-se um cesto de trabalho, com novelos de lã, com sua mão direita ela segura um porta-joias aberto. Há uma grande auréola em volta de sua cabeça, mas seu rosto está cortado³.

Epitáfio:

D(is) M(anibus) Regina liberta et coniuge
Barates Palmyrenus natione
Catvallauna an(norum) XXX⁴

Proposta de interpretação gramatical e sintática:

Barates de Palmira (construiu este monumento), em dedicação aos deuses manes, para a liberta Regina, sua esposa, da nação catuvelauna, com trinta anos de idade⁵ (Tradução de Pedro Paulo A. Funari).

Ao estudar esses sepultamentos, os objetos que estão ali, sua inscrição e o

² Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1065>, acessado em 12/11/2015.

³ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1065>, acessado em 02/11/2015.

⁴ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1065>, acessado em 02/11/2015.

⁵ Funari entende, com RIB, que Regina Liberta está no ablativo, no lugar do usual dativo.

contexto em que estão inseridos, o estudioso dever ter um olhar imparcial para com essas fontes. Entretanto, essa é uma questão delicada de se expor, pois o pesquisador também está envolto em seus costumes, sua cultura, de modo que não é possível ter o mesmo olhar que um ser humano de outro tempo. Além disso, mostra-se bastante complicado atribuir achados ou grupos de achados a um determinado sexo.

Allason-Jones (2012) cita que colares, brincos, grampos para cabelos e objetos feitos de âmbar eram utilizados geralmente por mulheres, enquanto broches, pela elite civil masculina militar. No entanto, quando se recorre a esse tipo de classificação de que uma cultura material é ligada a um ou outro sexo, pode acontecer que, quando se encontra um objeto em um contexto totalmente diferente do esperado, ou ligado ao “sexo errado”, haverá requerimento de argumentos muito sinuosos para se provar algo diferente ou uma anormalidade. Dessa forma, é fundamental que os restos mortais sejam identificados (ALLASON-JONES, 2012, p. 473), se possível corretamente, antes de se fazer qualquer tipo de classificação.

As evidências de artefatos e as inscrições comprovam que um número considerável de mulheres vivia em fortes, demonstrando que parecia ser comum que os oficiais tivessem consigo suas mulheres, filhos e servos. Um exemplo disso foi encontrado em algumas fontes materiais, bem como com o sepultamento de Julia Lucilla (*RIB* 1271, 1288), filha de um senador, casada com Rufinus, comandante de um alto posto em um forte em High Rochester, Northumberland (ALLASON-JONES, 2012, p. 475).

Sobre Julia Lucilla e Rufinus, foram encontradas duas inscrições. A primeira (*RIB* 1271), descoberta em 1729, no forte de High Rochester, e datada de 43–410 d.C., foi elaborada em um altar de arenito, dedicado a Silvanus Pantheus. Atualmente ela se encontra no Museu de Durham⁶.

⁶ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1271>, acessado em 02/11/2015.



Figura 2 – Altar de Lucilla e Rufinus, encontrado em High Rochester, datada de 43 – 410 d.C.⁷

Epitáfio:
Silvano
[Pa]ntheo
[p]ro salute
[Ru]fin[i] trib(uni) et
[L]ucillae eius Eutyclus
Lib(ertus) c(um) s(uis)
v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)

Proposta de interpretação gramatical e sintática:

O liberto Eutyclus, com os seus, cumpriu o voto merecido (pela divindade Silvano Pantheus), de forma espontânea (com este monumento), para o deus Silvano Pantheus, pela salvação do tribuno Rufino e de sua Lucília⁸ (Tradução de Pedro Paulo A. Funari).

A outra inscrição (*RIB* 1288) sobre Lucilla também foi encontrada no forte de High Rochester, em 1809. Essa segunda inscrição foi trabalhada em uma lápide feita em arenito, atualmente exposta no corredor norte da igreja Elsdon⁹.

⁷ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1271>, acessado em 12/11/2015.

⁸ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1271>, acessado em 02/11/2015.

⁹ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1288>, acessado em 02/11/2015.



Figura 3 – Altar de Lucilla e Rufinus, encontrado em High Rochester, datado de 43 – 410 d.C.¹⁰

Epitáfio:

[...] S

[...]

..HII . 4 . I .. II ... II .

[..] coh(ortis) I Vardul(orum) [...]

[... praef(ecto)] coh(ortis) I Aug(ustae)

Lusitanor(um) item coh(ortis) I

Breucor(um) item coh(ortis) I

Breucor(um) subcur(atori) viae

Flaminiae et aliment(orum)

Subcur(atori) operum publ(icorum)

Iulia Lucilla c(larissima) f(emina) marito

b(ene) m(erenti) vix(it) an(nos) XLVIII

m(enses) VI d(ies) XXV

Proposta de interpretação gramatical e sintática:

Júlia Lucila, queridíssima esposa¹¹, (construiu este monumento) para o seu marido, merecedor, que foi da primeira coorte dos Vardulos, prefeito da primeira coorte augusta de lusitanos, também da primeira coorte dos breucos, vicecurador da Via Flâmínia e da provisão de alimentos, assim como de obras públicas: ele viveu 48 anos, 6 meses e 25 dias¹² (Tradução de Pedro Paulo A. Funari).

De acordo com Allason-Jones (2012), era permitido aos centuriões e decuriões casarem-se ao longo de sua jornada militar, algo que, posteriormente, foi concedido

¹⁰ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1288>, acessado em 12/11/2015.

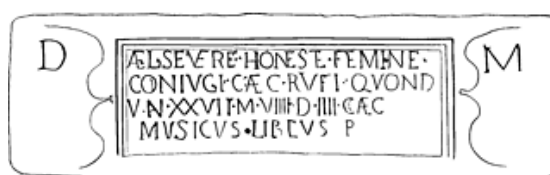
¹¹ *Clarissima femina*, termo usado na antiguidade tardia, para se referir a uma mulher da aristocracia.

¹² Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1288>, acessado em 02/11/2015.

aos soldados (ALLASON-JONES, 2012, p. 475; ALLASON-JONES, 2004, p. 274). Muitos dos memoriais para mulheres de soldados, ou aqueles elegidos pelas suas viúvas, são datados de depois de 197 d.C., quando Septímio Severo deu a permissão aos soldados de usarem anéis de ouro e de casarem-se (ALLASON-JONES, 2004, p. 283).

O segundo maior contexto comum de se encontrar vestígios das mulheres na *Britannia* refere-se às superfícies das estradas ou em seus drenos. Muitas mulheres devem ter visitado a *Britannia* durante esse período, trazendo consigo objetos pessoais de suas terras natais, assim como sua moral, religião e tradição familiar. Essas viagens poderiam ter resultado em uma mistura de evidências, as quais devem ser tratadas com o cuidado necessário (ALLASON-JONES, 2012, p. 475).

Essas mulheres também poderiam seguir seus pais, maridos ou irmãos nas cidades, onde adquiriam o direito do *ordo*. Os conselhos que governavam as *coloniae*¹³ e *municipia*¹⁴ eram reservados para homens com mais de 30 anos, que satisfaziam as qualificações apropriadas, mas a reputação desse cargo era dividida por toda a família, um exemplo disso é mostrado no sepultamento de Aelia Severa (RIB 683), esposa de um decurião de York, a qual foi chamada de *honesta femina*, título reservado às mulheres da classe curial (ALLASON-JONES, 2004, p. 284). Esse sepultamento foi encontrado em 1859, em forma de caixão, datado de 43 – 410 d.C., estando exposto atualmente no museu de Yorkshire¹⁵.



¹³ A *colonia* era o *status* mais alto que um assentamento romano poderia chegar, cujo exemplo é Camulodunum, que recebeu esse *status* por ter virado um assentamento de legionários aposentados que teriam servido em uma ou mais legiões na Britannia; com um ar militar, tinham a intenção de fazer dela a nova capital da província para testar o controle dos novos territórios; as funções principais da *colonia* eram a manutenção dos veteranos e a abertura para o fornecimento de novos recrutas. Sendo assim, Camulodunum era incumbida da promoção e proteção contra qualquer oponente (FIELDS, 2011). O nome dessa nova *colonia* não se sabe ao certo, mas as inscrições citam o nome *Colonia Vectricensis*, 'A Colônia dos Vitoriosos' (SEALEY, 1997; BÉLO, 2014, p. 146).

¹⁴ O *municipium* era um tipo de área urbana, assim como o foi Verulamium, com seu impressionante desenvolvimento (SEALEY, 1997), que levou esse nome por mudar seu *status* dentro da província, a qual possuía uma fusão de estilo de vida nativo e romano, ficando em segundo lugar quando comparada a uma *colonia* (DAVIES; ROBINSON, 2009), tal como Camulodunum (BÉLO, 2014, p. 189).

¹⁵ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/683>, acessado em 04/11/2015.

Figura 4 – Lápide funerária de Aelia Severa, encontrada em York, datada de 43 – 410 d.C.¹⁶

Epitáfio:
D(is) M(anibus)
Ael(ie) Severe honeste femine
coniugi Caec(ili) Rufi quond(am)
vixit an(nos) XXVII m(enses) VIII d(ies) IIII Caec(ilius)
Musicus lib(ertus) e (i)us p(osuit)

Proposta de interpretação gramatical e sintática:
Cecílio Músico, seu liberto, colocou (este monumento) para os deuses manes, em honra de Élia Severa, mulher honesta¹⁷, antiga esposa de Cecílio Rufo: ela viveu 27 anos, 9 meses e 4 dias¹⁸ (Tradução de Pedro Paulo A. Funari).

Em várias dessas culturas materiais, evidenciam-se o carinho que os maridos tinham por suas esposas, assim como inscrições que mencionavam expressões amorosas e de ternura, como, por exemplo: “amada esposa” (*RIB* 621), “muito amada esposa” (*RIB* 959) e “a mais devota das esposas” (*RIB* 17) (ALLASON-JONES, 2004, p. 280). Nessa perspectiva, pode-se concluir que, ao que parece, essa cultura material demonstra, além de afeto, algo bem diferente da forma como as fontes escritas caracterizaram as mulheres da Antiguidade, conforme foi evidenciado em obras de escritores antigos na primeira parte deste projeto.

Conclusão

Segundo Fischler (1994), as imagens dessas figuras femininas nas narrativas antigas expõem muito mais as atitudes romanas do que realmente revelam o modo como as mulheres viviam. Essa perspectiva possibilita compreender as relações de gênero e suas atitudes perante o poder, além de demonstrar como as posições masculinas, diante da interferência de gênero e poder, influenciaram a representação feminina nos textos literários antigos (FISCHLER, 1994, p. 115).

Os dados relativos às mulheres de povos nativos, nas fontes literárias greco-romanas, são escassos e aparecem, especialmente, quando as informações chocam com o conceito tradicional desses autores, assim como a posição das mulheres na família e sociedade, tomando esses modelos como exemplo para exaltar as virtudes

¹⁶ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/683>, acessado em 12/11/2015.

¹⁷ *Honesta femina*, literalmente, “mulher honesta”, termo usado para se referir a uma esposa de membro do conselho municipal, cúria ou senado municipal.

¹⁸ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/683>, acessado em 04/11/2015.

romanas (FRANCO, 1999, p. 57).

Um exemplo de tais virtudes pode ser encontrado na cultura material apresentada aqui, em que lápides, conforme Susan Fischler, foram concebidas para comemorar a família enlutada e mostrar as virtudes tradicionais da falecida. Os epítáfios visavam descrever as mulheres mortas com os mais altos padrões sociais – de acordo com a comunidade de que participavam –, para descrevê-las como as matronas romanas ideais, conhecidas por sua beleza, fertilidade, capacidade de dirigir a família e fidelidade ao seu marido (FISCHLER, 1994, p. 117).

Dessa forma, os trabalhos de Tácito e Dião Cássio não são apenas uma criação greco-romana, mas também uma reflexão perfeita sobre um fenômeno complexo que envolve uma consideração a respeito da diversidade de identidade, cultura e gênero vista de uma perspectiva estrangeira em relação ao Império Romano.

Referências bibliográficas

- ALDHOUSE-GREEN. **Boudica Britannia**. London: Pearson Longman, 2006.
- ALLASON-JONES, L. The Family in Roman Britain. In: TODD, M. (Ed.). ***A companion to Roman Britain***. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- ALLASON-JONES, L. Women in Roman Britain. In: JAMES, L. S.; DILLON, S. (Ed.). ***A companion to women in the Ancient world***. Oxford: Blackwell Publishing, 2012.
- BÉLO, T. P. **Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder**. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Departamento de História, área de concentração em História Cultural, 2014.
- BRAUND, D. **Ruling Roman Britain: kings, queens, governors and emperors from Julius Caesarto Agricola**, London, Routledge, 1996.
- CASSIUS DIO. **Roman History**. Edited by E. Cary, London, G. B. Putman, 1925.
- DAVIES, J.; ROBINSON, B. **Boudica: her life, times and legacy**. Cromer: Poppyland Publishing, 2009.
- FISCHLER, S. Social Stereotypes and Historical Analysis: the case of the imperial women at Rome. In: ***Women in Ancient Societies***. New York: Routledge, 1994.
- FIELDS, N. **Boudicca's rebellion AD 60 – 61: the Britons rise up against Rome**. Oxford: Osprey Publishing, 2011.

FRANCO, H., G. La imagen de la mujer "bárbara": a propósito de Estrabon, Tácito e Germania. **Faventia**, 21/1, 1999.

FUNARI, P. P. A. **Roma: Vida Pública e Vida Privada**. São Paulo: Atual, 1993.

FUNARI, P. P. A. Romanas por elas mesmas. **Cadernos pagu** (5), pp. 179-200, 1995.

HINGLEY, R.; UNWIN, C. **Boudica: Iron Age warrior queen**. London: Hambledon Continuum, 2005.

JOHNSON. **Boudicca**. London: Bristol Classical Press, 2012.

MORGAN, D. **Discovering Men**. Londres: Routledge, 1993.

OMENA, L. M. Os Ofícios: Meios de Sobrevivência dos Setores Subalternos da Sociedade Romana. **Revista Fênix**, 4, 2007. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF10/DOSSIE3.Luciane.Munhoz.de.Omena.pdf>, acessado em 07/11/2015.

RABINOWITZ, N. S. Introduction. In: RABINOWITZ, N. S. E; RICHLIN, A. (eds.): **Feminist theory and the Classics**. Londres: Rotledge, 1993.

SAMPAIO, A. O.; VENTURINI, R. L. B. Uma breve reflexão sobre a família na Roma Antiga. **VI Jornada de Estudos Antigos e Medievais – Trabalhos Completos**. 2009. ISBN: 978-85-99726-09-9. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2007/trabalhos/030.pdf>, acessado em 07/11/2015.

SEALEY, P. R. **The Boudican revolt against Rome**. Oxford: Shire Publications LTD, 1997.

TACITUS, P. C. 1914. **Agricola**. London: William Hinemann LTC; Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1914.

TACITUS, P. C. **The Annals of Imperial Rome**. Great Britain: Penguin Classics, 1968.

VARELLA, F. F. 2006. A proximidade feminine e a imagem Imperial: Nero, Tácito & os Anais. **Revista electronica: Cadernos de História**. Ano I, n.2., 2006. Disponível em: www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria.

Recebido em: 11/05/2017

Aprovado em: 20/07/2017